

Oídio

Podospaera pannosa (Wall.: Fr.), anamorfo *Oidium leucoconium* Desm. e *Podospaera tridactyla* (Wallr.) de Bary anamorfo *Oidium passerinii* Bert.

O oídio é uma doença frequente nas prunoídeas, cosmopolita, sendo mais nociva em regiões semi-áridas. A doença pode ser causada por várias espécies de oídio, que vulgarmente atacam as rosáceas, sendo *Podospaera pannosa* (*Sphaerotheca pannosa*) a mais importante. Infecções nos frutos podem ser causadas por *P. pannosa*, *P. leucotricha* e *P. tridactyla* resultando em perdas económicas importantes, para além de reduzirem o crescimento vegetativo em particular em viveiros e jovens plantações.

A susceptibilidade a esta doença varia consoante a espécie de fruteira, referindo-se o pessegueiro como a fruteira mais sensível, seguindo-se o damasqueiro e a ameixeira.

Epidemiologia

É um fungo ectoparasita estrito. Sobrevive no Inverno sob a forma de micélio nas escamas dos gomos ou sob a forma de cleistotecas, na madeira de ramos e caules.

Na primavera, o fungo produz conídeos assexuais que causam as primeiras infecções nas jovens folhas. Os conídeos provenientes desta infecção inicial são disseminados pelo vento e pela chuva, colonizando outras folhas, rebentos e frutos em desenvolvimento, podendo manter-se activo no pomar até à queda das folhas.

A doença é favorecida por temperaturas suaves, condições de ensombramento e tempo seco, mas requer certa humidade como a neblina ou orvalho. Pomares situados perto de zonas de elevada humidade relativa são mais afectados. A temperatura óptima situa-se por volta dos 20°C a 22 °C e a propagação é muito rápida, se a humidade relativa rondar os 90%, podem surgir lesões em 10 dias. Para o desenvolvimento não requer a presença de água no estado líquido.

O fungo é muito sensível à exposição directa da luz solar e calor intenso. Em condições de temperaturas acima de 28 - 30°C e humidade relativa abaixo de 70%, inibem o seu desenvolvimento. No verão quando as temperaturas alcançam o limiar de tolerância dá-se uma paragem na progressão da infecção, ressurgindo no Outono, com a diminuição da temperatura, podendo ser importante, pois afecta a aquisição das reservas da árvore.

S. pannosa não infecta rebentos e folhas de ameixeira, pois não hiberna nos gomos da ameixeira, infectando somente os frutos, vindo o inócuo de pomares próximos. A espécie *Podospaera tridactyla* é responsável pelas infecções nas folhas e frutos de ameixeira, onde no final de campanha, forma cleistotecas que vão constituir inócuo primário no ano seguinte.



Caule e pecíolos de nectarina com sintomas de oídio

Síntomas

A espécie de oídio condiciona a severidade de ataque consoante a espécie de fruteira e cultivar considerada, presença de órgãos susceptíveis, sua maturidade e o tipo de órgão: gomos, rebentos, frutos e mais raramente flores.

No início da infecção as lesões são circulares cobertas por micélio branco acinzentado, com aspecto de feltro farinhoso, que quando removido surgem na superfície do tecido vegetal cloroses e necroses. À medida que a infecção progride, o micélio cobre toda a superfície e as partes afectadas secam e caem. Quando a infecção é limitada desenvolve-se tecido cicatricial. Nas folhas coloniza ambas as páginas e pode causar deformações. Em ameixeira, damasqueiro e pessegueiro *P. tridactyla* infecta as folhas mais velhas, que pode conduzir a desfoliação dos rebentos.



Frutos de damasqueiro com sintomas de oídio



Folhas e fruto de nectarina com sintomas de oídio

Evolução dos sintomas de oídio em folhas de damasqueiro

Meios de luta

Luta cultural

No sentido de diminuir a pressão da doença no pomar, considera-se importante a adopção das seguintes medidas:

- utilizar material de propagação vegetativa com garantia varietal e fitossanitária;
- reduzir o inoculo no pomar: poda de rebentos atacados, de modo a favorecer a penetração de luz;
- efectuar fertilização equilibrada (azoto);
- efectuar podas de modo a permitir o arejamento da árvore;
- evitar plantações de roseiras perto de pomares de prunoideas etc.

Luta química

Tratamento preventivo em variedades susceptíveis e onde a pressão da doença seja elevada, no final da floração e nos frutos em crescimento.

À presença de sintomas e condições favoráveis ao desenvolvimento da doença aplicar fungicidas homologados para o efeito, com diferentes modos de acção, limitando o uso dos produtos inibidores da síntese de esteróis para evita o aparecimento de resistências cruzadas (Consultar o Portal da Direcção Geral de Alimentação e Veterinária (<http://www.dgv.min-agricultura.pt/>)).